

Saberes, contextos e situações de aprendizagens significativas na formação de treinadoras de Ginástica Rítmica

<https://doi.org/10.11606/issn.1981-4690.2023e37nesp215407>

Bruna Paz*
Deisy de Oliveira Silva*
Ademir Faria Pires*
Juliana Pizani**
Ieda Parra Barbosa-Rinaldi*

*Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, Brasil.

**Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Resumo

O presente artigo tem como objetivo elencar os saberes considerados importantes por experts de Ginástica Rítmica (GR) para a atuação de treinadoras da modalidade, bem como evidenciar sua articulação com os contextos e situações de aprendizagem. Caracteriza-se como um estudo descritivo de caráter qualitativo e contou com a participação de seis experts da área atuantes em diferentes espaços da GR (treinadoras de seleções nacionais, árbitros internacionais e pesquisadores da área). Utilizou-se como instrumento de pesquisa uma entrevista semiestruturada, elaborada com base em três eixos investigativos, sendo eles: os saberes, os contextos e as situações de aprendizagem. Verificou-se que os saberes adquiridos na experiência que se refletem no fazer prático cotidiano da profissão são prioritários para a formação e intervenção de treinadoras de GR. Eles são assimilados nos contextos não formais e informais de aprendizagem e têm utilização imediata, mas precisam ser empregados de forma criativa e inovadora, além de demandar a necessidade de aprofundar os conhecimentos disciplinares. As situações não mediadas e internas assumem maior expressividade, porém, devem estar articuladas a posturas críticas e reflexivas sobre a atuação. Foi apontada, pelas experts, a necessidade de um curso formativo com certificação que assuma uma identidade da realidade brasileira para o treinamento em ginásticas esportivas.

PALAVRAS-CHAVE: Ginástica; Formação profissional; Treinamento esportivo; Conhecimento.

Introdução

Embora a trajetória formativa de treinadores esportivos venha sendo debatida nacional e internacionalmente¹⁻⁴ a formação de treinadores de Ginástica Rítmica (GR) na realidade brasileira mostra-se ainda carente de olhares investigativos, considerando as normativas e exigências nacionais de formação profissional, bem como o contexto e a necessidade de outros meios para se alcançar a expertise na área.

No Brasil, a graduação em bacharelado em Educação Física (EF) é requisito básico para a formação de treinadores esportivos no Brasil^{5,6}. Contudo, fato é que a formação inicial em EF não permite o aprofundamento dos saberes

relacionados ao treinamento esportivo para as áreas gímnicas⁷, tendo em vista as características epistemológicas e a organização dos cursos em torno das demais áreas de conhecimento e campos de atuação da área.

Nesse contexto, para acumular experiências e conhecimentos que promovam aprofundamento, eficácia e notório destaque no desenvolvimento e debate sobre a tarefa a ser realizada^{8,9}, isto é, para tornar-se um expert em GR, é preciso que os treinadores busquem conhecimentos em espaços de formação continuada, como clínicas, cursos de curta duração e até mesmo estágios em clubes e com treinadores mais experientes.

Ao passo em que se articula com locais, contextos e situações de aprendizagem específicos, a aquisição de saberes é potencializada^{10,4,11}. Assim sendo, as reflexões aqui propostas a experts da área da GR se fundamentam a partir do entendimento de como se estrutura o diálogo entre três eixos basilares: os **saberes**¹⁰, os **contextos de aprendizagem**^{4,1,12} e as **situações de aprendizagem**¹¹.

Em amplo sentido, os saberes se configuram nos conhecimentos que englobam atitudes, posturas, competências e habilidades que perfazem os sentidos para um determinado saber, saber-fazer e saber-ser solicitados em diferentes situações de trabalho¹³. [Propõe-se aqui um diálogo e transposição para a atuação do treinador esportivo daqueles conceitos estabelecidos por TARDIF¹⁰ para debater a atuação do docente no campo escolar.

Os contextos de aprendizagem do treinador discutidos por MILISTED⁴ se classificam em: formal (cursos de graduação e pós-graduação com certificação regulamentada), não formal (além da formação inicial, como

cursos específicos da modalidade, de atualização, de arbitragem etc.) e informal (espaços afetivos de atuação prática, trocas de experiências entre os pares, treinos e eventos da área). Por sua vez, partimos da descrição de SOUZA SOBRINHO e colaboradores¹¹ para as situações de aprendizagem cunhadas por TRUDEL e WERTHNER¹: mediadas (ofertadas por outros agentes; os treinadores são receptores passivos da informação), não mediadas (aprendizagens não estruturadas, definidas e buscadas pelo próprio treinador) e internas (aprendizagem por processo de reorganização de saberes e reconstrução das experiências a partir de novos e outros conhecimentos).

Buscando assim apresentar um panorama da realidade brasileira sobre a formação de treinadoras de GR, o presente estudo buscou elencar os saberes considerados importantes por experts de Ginástica Rítmica (GR) para a atuação de treinadores da modalidade, bem como evidenciar sua articulação com os contextos e situações de aprendizagem. As evidências apresentadas indicam limites, sugestões e perspectivas que qualificam o debate sobre a temática.

Método

Trata-se de um estudo qualitativo baseado na descrição de resultados¹⁴ que conta com a participação de experts atuantes em diferentes espaços da GR. Entende-se, por expert, a aquele que acumulou experiências e conhecimentos que promovem aprofundamento e eficácia no desenvolvimento e debate sobre a tarefa a ser realizada⁸.

Assim, a definição dos participantes de pesquisa se deu de forma intencional, sendo experts da GR com conhecimentos para atuação como treinador, adquiridos por diferentes experiências na área. Como critério de inclusão, os participantes precisariam atender, minimamente, a um dos seguintes requisitos em seu currículo profissional: ter mais de 10 anos em atuação específica com a GR (treinadores); ter *brevet*^a de árbitro internacional de GR (árbitros); ter publicações atualizadas e específicas para as práticas

gímnicas e, em especial, a GR (pesquisadores); representar o Brasil em eventos internacionais de GR, seja no campo do treinamento e/ou no campo da gestão (como treinadoras, árbitros e/ou gestores). Foi realizado um contato com gestores da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) solicitando a indicação de profissionais que atendessem a tais critérios de elegibilidade, posteriormente foi feita a análise dos currículos e convite para participação da pesquisa.

Dos 10 profissionais identificados, seis aceitaram participar da pesquisa, todas mulheres: duas treinadoras, três árbitras internacionais e uma pesquisadora. As participantes foram identificadas ao longo do texto pela letra “E” (experts), enumeradas de um a seis, conforme aponta o QUADRO 1, que também sintetiza os critérios que as incluíram, a maior titulação acadêmica (T.A) e as experiências na GR.

QUADRO 1 - Perfil das experts da GR participantes do estudo.

E	Critério de inclusão	T.A.	Experiências na GR
E1	Técnica da Seleção Brasileira de GR; Representante do Brasil em eventos internacionais.	ESP	Ginasta da seleção brasileira de GR por 10 anos; Técnica do Brasil em diferentes eventos internacionais.
E2	Árbitra internacional	M	Ginasta com participação em eventos nacionais; Treinadora e gestora de equipes de GR; Estudo acadêmico específico sobre a formação de treinadores de GR.
E3	Árbitra Internacional	D	Ginasta com participação em eventos nacionais e internacionais; Treinadora de equipes de GR; Estudo acadêmico específico sobre a temática da GR; Professora no ensino superior.
E4	Árbitra Internacional	D	Ginasta com participação em eventos nacionais e internacionais; Treinadora e gestora de equipes de GR; Gestora de órgãos oficiais de GR; Estudo acadêmico específico sobre GR; Professora no ensino superior com publicações na área da GR.
E5	Técnica da Seleção Brasileira de GR; Representante do Brasil em eventos internacionais	ESP	Ginasta com participação em eventos nacionais; Técnica do Brasil em diferentes eventos internacionais.
E6	Pesquisadora renomada na área	D	Ginasta com participação em eventos nacionais; Treinadora de equipes de GR; Professora no ensino superior com publicações na área da GR.

Fonte: Elaborado pelos autores.
T.A: Titulação Acadêmica;
ESP: Especialização;
M: Mestrado;
D: Doutorado.

Os dados foram coletados por entrevistas semiestruturadas, com roteiro de questões elaborado com base nos três eixos investigativos do estudo: saberes¹⁰, contextos de aprendizagem⁴ e situações de aprendizagem¹¹. As entrevistas foram examinadas e os dados categorizados pela análise de conteúdo¹⁵, e organizados *a priori*^b e *posteriori*, de acordo com cada eixo. Os resultados foram apresentados por meio de figuras, quadros e de forma textual, utilizando-se ainda de trechos

cruciais das entrevistas para subsidiar as análises.

O estudo foi aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá (COPEP/UEM), sob parecer nº 3.208.480 e CAAE nº 03521818.2.0000.0104 e todas as participantes receberam e assinaram no ato da entrevista o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, firmando sua voluntária participação e aceite dos termos da pesquisa.

Resultados e Discussão

As categorias dos eixos analíticos buscaram elucidar de forma sintética e, ao mesmo tempo totalizante, a concepção das experts acerca dos eixos saberes, contextos e situações de aprendizagem significativos para a formação de treinadores de GR.

Os saberes na perspectiva das experts em GR

As entrevistas evidenciaram que há um movimento de reflexão crítica em relação aos saberes necessários para a atuação de treinadoras de GR, registram necessidades pontuais sobre conhecimentos de base, mas indicam fragilidades sobre a aquisição desses saberes. A análise do eixo saberes se estruturou a partir de quatro categorias, conforme a FIGURA 1.



Fonte: Elaborado pelos autores.

FIGURA 1 - Saberes necessários para a atuação dos treinadores de GR.

Todas as experts apontaram a **necessidade de uma base comum de saberes da GR para a realidade brasileira**, da construção de uma identidade nacional que seja mais eficiente do que a mera cópia de modelos internacionais de forma engessada, sobretudo de escolas europeias. Essa tendência de reprodução internacional busca modelos de alto padrão, mas divergem das condições reais do contexto brasileiro em aspectos estruturais, materiais e, inclusive, nas características biológicas das ginastas.

“A GR do Brasil quer imitar o padrão da GR da Bulgária, da GR da Rússia, nós não temos um modelo efetivo brasileiro. E a gente sabe que a realidade é muito diferente, começando pelo próprio biotipo das nossas atletas” (E3).

Para as experts, o desenvolvimento dessa identidade de saberes específicos e contextualizados em um modelo brasileiro de treinamento atingiria positivamente três núcleos primordiais, três metas que precisam ser qualificadas: 1) um padrão técnico para a seleção nacional (identificar princípios técnicos próprios), 2) uma qualificação no treinamento (a partir da disseminação de uma proposição de treinamento de GR da iniciação ao alto rendimento) e 3) a criação de um programa

de formação de treinadores de GR unificado e intimamente brasileiro (que se paute em escolas de sucesso mas se adapte à realidade nacional).

A relação de identidade perpassa intrinsecamente pelo processo de formação, já que não há uniformidade na trajetória das treinadoras e entre os cursos de graduação¹⁶ e formação continuada quanto aos debates sobre a GR e as práticas gímnicas. Além disso, não há uma comunicação que permita que os clubes saibam as necessidades técnicas de base nos treinamentos da seleção, o que fragiliza a qualificação do trabalho da seleção nacional, inclusive na escolha de ginastas e de treinadoras. Ademais, para esta última, não há critérios claros e objetivos para contratação, refletindo em ações individualizadas de trabalho na rotina de treinos¹⁷.

A necessidade de uma proposição específica para a formação de treinadores de GR e as fragilidades no processo formativo já foram alertados anteriormente^{18,19}. Para E6, os elementos ginásticos, manejo de aparelhos, música e movimento/ritmo e o aspecto artístico devem ser considerados conhecimentos específicos fundantes para um treinador de GR. Nesta perspectiva, as propostas seriam configuradas em metodologias de ensino para o treinamento de saberes como: os elementos de dificuldade (elementos corporais, passos de dança, elementos dos aparelhos, e elementos

de rotação), as colaborações, as trocas, entre outros²⁰⁻²⁴, saberes que são mobilizados pelas treinadoras para que suas ginastas possam ingressar no universo competitivo.

Os saberes específicos sobre a prática da GR compreendem a especificidade do esporte, são básicos e obrigatórios para a função treinador, oriundos da tradição e provenientes da formação profissional. Revelaram-se de modo significativo na forma do “saber ensinar”, nas manifestações daquilo que as treinadoras precisam saber para elaborar elementos obrigatórios da GR. Mais especificamente, a categoria tratou dos conteúdos do código de pontuação^c e a necessidade de transpor as regras e obrigatoriedades para o processo de ensino e treinamento; da iniciação ao esporte e o ensino das técnicas básicas de elementos corporais e a manipulação de aparelhos baseado nos princípios teóricos fundantes; do treinamento de alto rendimento e o trato de elementos obrigatórios na composição de coreografias.

O código de pontuação é um documento de referência para escolha de conteúdos, definição de progressões técnicas e aperfeiçoamento de elementos²⁵. É uma espécie de guia para o desenvolvimento de coreografias competitivas²⁶ pois trata dos elementos, combinações e relações obrigatórias para a participação em eventos¹⁹. Somente o domínio do código não basta para que a haja uma iniciação esportiva de base qualificada (que leve em conta aspectos lúdicos, motores e processos de aprendizagem da criança etc.) e/ou um trabalho significativo no treinamento de alto rendimento que assegure resultados melhores em competições, haja vista que ele apresenta o que deve ser treinado, por isso é tão significativo, porém, não há indicativos de como ensinar ou treinar estes saberes. É preciso também saber “fazer” e saber “estar” no esporte, relacionar conteúdos específicos com tarefas técnicas e códigos de conduta no treinamento esportivo²⁷, ter criatividade, inovação pedagógica, olhar tático na montagem coreográfica, dentre outras ações inerentes à modalidade para além de conteúdos específicos e codificados.

Os saberes conceituais de base sobre o treinamento de ginastas se originam de dimensões do conhecimento sobre o movimento humano, tal qual os saberes disciplinares debatidos por TARDIF²⁸, “produtos que já se encontram consideravelmente determinados em sua forma e conteúdo” (p.40) e estão integradas nas universidades em forma de disciplinas, isto

é, imersas e no contexto formal da formação, ficando sob responsabilidade dos cursos de graduação a transmissão desses conteúdos básicos para a formação de treinadoras esportivas^{29,27,30}.

Os saberes conceituais ou disciplinares básicos apontados pelas experts foram: Biomecânica (E1; E2; E3; E4; E5; E6), Fisiologia do exercício (E1; E2; E3; E5; E6), Preparação física de flexibilidade/força (E1; E3; E4; E5; E6), Psicologia do esporte (E1; E3; E6), Nutrição (E1; E3; E5), Treinamento esportivo (E3; E4; E6), Didática (E1; E3), Metodologia (E1; E3) e Gestão esportiva/captação de recursos, prestação de contas / Lei de incentivo (E2; E3).

Todavia, houve também uma tendência em relatos sobre a precariedade de utilização desses saberes disciplinares associadamente aos saberes específicos da GR. A percepção das experts é que, apesar do reconhecimento de tais saberes, no universo das treinadoras parece ter mais valor os ditos saberes aplicados na ação, do fazer diário dos treinamentos, numa lógica de que a execução de um movimento pode ser realizada independentemente do entendimento teórico^{18,31,25,19}.

Os saberes da transposição do “ser ginasta” para “ser treinador” são os conhecimentos transferidos da experiência como atleta de GR para a profissão treinador da modalidade. Essa premissa tem potencialidades ao tomar como base a aproximação tácita com a cultura do esporte, mas deve-se reconhecer que as experiências vividas como atleta favorecem, mas são insuficientes e nem podem definir as complexas funções e ações como treinador^{19,17,32}. É nesse sentido que as experts demonstraram suas inquietações, ao apontar para a problemática da reprodução não reflexiva na prática profissional daquilo que outrora se aprendeu como ginasta, numa concepção funcionalista de que o fato de ter executado movimentos com eficácia bastaria para ensiná-los nessa mesma perspectiva.

A socialização profissional se inicia nas experiências como atleta, todavia, continua na formação profissional ao longo da carreira, e é nesse percurso que habilidades e conhecimentos são adquiridos em processos informais e ampliados no contato com os espaços formais e não formais de aprendizagem⁶. É preciso ressignificar o saber internalizado do fazer adquirido enquanto ginasta. A experiência como ginasta deve ser reconstruída e ressignificada para as funções do treinamento esportivo.

Os Contextos de aprendizagem na perspectiva das experts em GR

Cientes do significado dos conceitos de

contextos de aprendizagem para formação de treinadores^{4,1,12} utilizados na pesquisa, as experts apontaram suas perspectivas, conforme sintetiza o QUADRO 2.

QUADRO 2 - Categorias e realidades dos contextos de aprendizagem.

Contextos/categorias	Realidades identificadas
Formal	Cursos de graduação em Educação física (bacharelado) e cursos de pós-graduação lato-sensu.
Fragilidade dos cursos de graduação em EF	Base frágil; Distanciamento da GR; Formação generalista; Distanciamento teoria e prática; Foco na ginástica escolar; Carga horária baixa para disciplinas gímnicas.
Significância dos cursos de pós-graduação lato-sensu	Aproximação com saberes e ações de um treino de GR; Falta acesso e socialização entre treinadores de diferentes níveis.
Necessidade de um curso modelo Academia FIG	Voltado para a realidade brasileira; Exigência para treinadores de competições oficiais; Oferta por federações e fundações esportivas e certificação pela CBG, por níveis e etapas.
Não formal	Cursos de curta duração como cursos de arbitragem, clínicas e cursos de atualização.
Aprendizagem de saberes experienciais	Aquisição em programas específicos de ensino da GR - foco/perspectiva prática do fazer diário dos treinamentos.
Aprendizagem de saberes curriculares	Aquisição em programas específicos de ensino da GR - foco nos saberes específicos da GR tratados sob forma de programas de ensino.
Informal	Estágios, convívio com outros treinadores, experiências em eventos competitivos.
Necessidade de acesso a oportunidades e espaços de aquisição	Aprendizagem realizada na prática, favorece a aquisição e reconstrução de saberes específicos da prática da GR.

Fonte: Elaborado pelos autores.

As experts destacaram o contexto não formal, informal e formal, respectivamente, como mais significativos para aprendizagens específicas sobre GR, destacando as experiências que aproximam os saberes práticos do cotidiano do treinamento. **O contexto não formal** foi identificado pelos cursos de curta duração que, atualmente, representam os espaços de maior construção de saberes para a atuação de treinadoras de GR em diferentes etapas da carreira, sobretudo os cursos de arbitragem, mas também clínicas dentre outros.

“Os contextos formais e não formais servem para nossa formação técnica. Mas na nossa formação prática, os informais são os mais importantes e valiosos para a vida de qualquer treinador. É tu estar numa competição e analisar o que a outra treinadora faz, é tu conversar com o árbitro, é tu conversar com o

gestor, é tu poder vivenciar” (E3).

“O curso de arbitragem será sempre importante, tanto para quem inicia o trabalho e quer um panorama do que é a modalidade, como para quem já atua em competições e busca resultados mais eficazes” (E3).

A possibilidade de imediata relação com os saberes adquiridos com a concretude das tarefas de treino rotineiras é uma característica marcante e potencializadora do contexto não formal nos processos formativos^{33,34}. De acordo com as experts, nesse contexto acontece a *aprendizagem de saberes experienciais*, adquiridos em programas específicos de ensino da GR com foco na prática diária dos treinamentos e a *aprendizagem de saberes curriculares* (organizados pela lógica curricular de delimitação de objetivos, conteúdos e métodos de ensino e

aprendizagem)^{13,28} adquiridos em programas com foco nos saberes específicos da GR.

Nesses cursos também são estimuladas trocas, aproximações e intercâmbios com os pares e outros profissionais do universo esportivo^{35,36,37}, isto é, a própria configuração dos contextos não formais estimula oportunidades de ocorrência de contextos informais de aprendizagem, a partir da interlocução entre as comunidades de prática.

No contexto informal, os saberes são também vinculados às experiências práticas cotidianas e o treinador é protagonista da aprendizagem, que se dá por processo de ressignificação de conhecimentos, atitudes e discernimentos próprios³⁸ acerca da GR, a partir de estágios, convívio com outras treinadoras e experiências em eventos competitivos. Estas ocasiões estimulam um processo de autoanálise da prática profissional, mobilizando (in)certezas e conceitos já incorporados.

As experts destacam a *necessidade de acesso a oportunidades e espaços de aquisição* e reelaboração de saberes no contexto informal, em colaboração entre pares, pois eles são validados nas experiências da prática de ser treinador. De forma mais pontual, até mesmo posturas em eventos competitivos são compartilhadas e se tornam incorporadas entre os profissionais, um saber socializado pelo coletivo^{28,39}.

O **contexto formal** despontou de forma menos significativa para aprendizagens de treinadoras de GR e, ao mesmo tempo, a categoria apresentou dados expressivos ao revelar impermanências, limitações e indicativos de como os espaços formativos desse contexto podem ser potencializados. A *fragilidade dos cursos de graduação em educação física* foi apontada por todas as experts, justificada pelo distanciamento dos cursos em relação à GR e disciplinas gímnicas em geral.

A obrigatoriedade legal como requisito para a profissão e sequente participação em cursos de especialização faz com que as treinadoras busquem pela habilitação em educação física - bacharelado que, de fato, é necessária para a atuação, mas ainda sem impacto significativo na formação profissional^{40,29,35}, pois o tempo-espaço para o trato sobre treinamento desportivo ainda é limitado frente à realidade de formação generalista dos cursos de graduação e seus objetivos de ampla atuação, sendo necessário uma complementação⁴¹.

As experts sugerem uma amplificação no debate nos cursos de graduação sobre os fundamentos

teóricos básicos para o universo das várias ginásticas (direções, amplitudes, níveis de execução, contextualização das habilidades motoras etc.), a diferenciação entre o trato com a ginástica escolar e não escolar e sobre o aspecto competitivo, demandas já alertadas por NUNOMURA E NISTA-PICCOLO⁴².

Se os conhecimentos que emergem da formação inicial não respaldam e concretizam a amplitude necessária para o trato com o alto rendimento⁴³, no contexto formal acaba tendo uma *significância dos cursos de pós-graduação latu-sensu* para a formação de treinadoras de GR, nos quais se promove a valorização dos conteúdos da formação inicial, mas de forma associada, mobilizando os saberes específicos da prática diária dos treinamentos. Entretanto, para as experts ainda faltam mais oportunidades e socializações nesse contexto.

Tal cenário reflete na reivindicação/sugestão prioritária das experts, referente a uma pauta já levantada anteriormente por técnicas de GR^{19,39}: a *necessidade de um curso modelo Academia FIG¹*, uma formação continuada específica para GR que trate saberes teórico-conceituais-práticos de forma contextualizada com a realidade brasileira, com certificação e habilitação para participar em competições oficiais. A CBG^e daria uma chancela às federações estaduais para organizarem e implementarem esses cursos, no entanto, seria importante pensar em estratégias para um acesso democrático e facilitado aos profissionais: custos acessíveis, locais de realização centralizados, datas e períodos de execução adequados etc.

As situações de aprendizagem na perspectiva das experts em GR

As situações de aprendizagem são consideradas a trajetória biográfica dos treinadores mediante suas necessidades de atuação, que os tornam agentes ativos de sua formação^{4,11,30} e estão relacionadas à forma como eles percebem e relatam as fontes de aquisição dos saberes.

As experts não se aprofundaram sobre as situações de aprendizagem e as respostas se aproximaram, em geral, dos entendimentos apontados sobre os contextos de aprendizagem. A resposta da E6 revela a importância de uma reflexão sobre as situações de aprendizagem:

“Considero que as três deveriam estar equilibradas, seria o melhor dos mundos, seria o ideal que houvesse equilíbrio, porque todas

são importantes e, como elas possuem naturezas distintas, também causam no treinador experiências distintas e ofertam diferentes possibilidades de acesso ao conhecimento e entendimento do conhecimento, o que nós na academia chamamos de apropriação do saber, que é quando você olha para aquele saber e consegue ter uma análise multifacetada do que ele reproduz na prática pedagógica, na prática do treinador, do ginasta, do árbitro” (E6).

As **situações não mediadas e situações internas** foram mais incidentes nas respostas como importantes para a atuação como treinador de GR, embora com algumas inquietações. Desse modo, os dados indicam que as situações não mediadas impactam as aprendizagens a partir de observações, experiências como treinador ou auxiliar e/ou trocas entre os pares^{44,25,19}, mas que não há uma política formativa por parte das entidades formadoras que proponha e facilite o acesso a intercâmbios, estágios e socializações (E6).

Em contrapartida, uma situação não mediada específica e relatada por todas as experts em suas trajetórias é a experiência como atleta da modalidade, que facilita as aprendizagens, que corrobora com os saberes da transposição do “ser ginasta” para “ser treinador”. A aquisição e reelaboração de saberes a partir das situações internas de aprendizagem tiveram destaque quanto à necessidade de um processo reflexivo sobre a prática, de autocrítica e de ressignificação das vivências.

“A diferença está em como a pessoa internaliza isso, como ela faz a reflexão de sua prática, associa estes conhecimentos a mudanças na prática diária e nos resultados” (E4).

As situações de aprendizagem mediadas foram citadas com mais expressividade por duas experts (E2 e E6) que estudam e discutem os princípios teóricos do trabalho com a GR. De forma relacional, apontaram que os saberes provenientes de situações mediadas precisam dialogar com as situações internas, promovendo reflexão sobre a prática que, ao mesmo tempo, direciona os conhecimentos que precisam ser buscados. Por exemplo, os conhecimentos socializados em congressos, cursos ou palestras sobre teses, livros ou artigos precisam ser debatidos, contextualizando com

a realidade de prática das rotinas do treinador. No contexto brasileiro, as situações mediadas de aprendizagem parecem ser valorizadas pela necessidade de habilitação, e estão mais representadas por cursos de curta duração^{11,30}.

A expertise refletida nas percepções estimula o debate sobre a formação de treinadores de GR, revela indícios específicos para o trato dos saberes, contextos e situações de aprendizagem, mas também aponta a necessidade de uma interpretação articulada destes aspectos.

Pelo olhar das experts entrevistadas, destacam-se como essenciais para a formação de treinadoras de GR os saberes específicos da modalidade, os saberes conceituais de base sobre o treinamento de ginastas e os saberes da transposição do “ser ginasta” para “ser treinador”. Mas há também a necessidade de uma base comum de saberes para a realidade brasileira de GR que transcenda a reprodução não reflexiva de modelos internacionais e desenvolva uma identidade intimamente brasileira, ajustando-se ao contexto estrutural, físico e biológico-corporal das atletas do país, refletindo diretamente no padrão técnico e na qualificação da seleção e das categorias de base, bem como na formação de treinadoras.

Por isso, defende-se a implementação de um curso específico para treinadores de GR que seja articulado a entidades locais mas sancionado, orientado e certificado pela FIG e pela CBG, fortalecendo assim a configuração do contexto formal e das situações mediadas de aprendizagem, que atualmente tem se expressado de forma mais significativa por cursos de pós-graduação *latu sensu* e pelos cursos de formação inicial em educação física, sendo este último apontado mais numa perspectiva de validação e autenticação legal da profissão treinador.

Enquanto isso, os contextos não formais e informais, assim como as situações não mediadas e internas parecem ser ainda os meios em que mais se materializam as aprendizagens no processo de formação de treinadores de GR no Brasil a partir da própria estrutura biográfica adquirida pela experiência como ginasta, de cursos de arbitragem, clínicas, estágios, intercâmbios, observações e trocas entre os pares. Esses contextos são marcados pela aquisição de um saber imediato, em que o treinador acaba assumindo papel de protagonista da aprendizagem e da ressignificação dos saberes.

Embora não tenha interferido substancialmente nas análises, o estudo teve como limitação uma certa saturação de respostas durante as entrevistas quanto às percepções acerca das situações de aprendizagem, que se deram de forma mais sintetizada e extenuada em relação aos demais eixos analíticos. Por fim, destacou-se que a pós-graduação *stricto-sensu* não se revelou

nas falas das experts quanto aos contextos formais de aprendizagem significativos para a formação de treinadores de GR, mesmo que a maioria delas tenha titulações nesse nível de ensino (uma mestra e quatro doutoras), o que sugere reflexões futuras sobre a significância da pós-graduação *stricto-sensu* nesse contexto.

Nota

- a. Termo utilizado pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) para classificar o nível de formação dos treinadores, a partir da capacitação nos cursos da Academia FIG.
- b. No eixo contextos de aprendizagem, tomou-se como categorias *à priori* os itens de sua própria classificação (contexto formal, contexto não formal e contexto informal), que foram, por conseguinte, também organizados em subcategorias *à posteriori*. Igualmente, o eixo situações de aprendizagem teve a sua classificação (situações mediadas, situações não mediadas e situações internas) tomadas como categorias *à priori*. Apenas o eixo saberes foi totalmente categorizado *à posteriori*.
- c. Documento que organiza e estrutura as normas que regem a avaliação das composições em eventos competitivos. Não tem foco o trato didático e/ou pedagógico dos conteúdos da GR.
- d. A Federação Internacional de Ginástica organiza este programa de formação de treinadores em nível internacional em diferentes modalidades ginásticas.
- e. Confederação Brasileira de Ginástica.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Abstract

Knowledge, contexts and situations of significant learning in the training of rhythmic gymnastics coaches.

The present article aims to list the knowledge considered important by experts of Rhythmic Gymnastics (RG) for the performance of coaches in this sport, as well as to highlight its articulation with learning contexts and situations. It is characterized as a descriptive study of qualitative nature and includes the participation of six experts in the field who work in different RG areas (national team coaches, international referees, and researchers in the field). A semi-structured interview was used as the research instrument, based on three investigative axes: knowledge, contexts, and learning situations. It was found that the knowledge acquired through experience, which is reflected in the daily practical work of the profession, is a priority for the training and intervention of RG coaches. This knowledge is assimilated in non-formal and informal learning contexts and is immediately applicable, but it needs to be employed in a creative and innovative way, as well as requiring the deepening of disciplinary knowledge. Unmediated and internal situations assume greater significance, however, they must be articulated with critical and reflective attitudes towards performance. The experts pointed out the need for a training course with certification that assumes a Brazilian reality identity for training in sports gymnastics.

KEYWORDS: Gymnastics; Professional training; Sports training; Knowledge.

Referências

1. Werthner P, Trudel P. A new theoretical perspective for understand in how coaches learn to coach. *Sport Psychol.* 2006;20:198-212.
2. Mesquita I. O papel das comunidades de prática na formação da identidade profissional do treinador do desporto. In: Nascimento JV, Ramos V, Tavares F, organizadores. *Jogos desportivos: formação e investigação.* Florianópolis: UDESC, 2013;295-317.
3. Brasil VZ, et al. A trajetória de vida do treinador esportivo: as situações de aprendizagem em contexto informal. *Movimento.* 2015;21(3):815-829.
4. Milistetd M, et al. A aprendizagem profissional de treinadores esportivos: desafios da formação inicial universitária em educação física. *Pensar Prática.* 2015;18(4):982-994.
5. Barros JMC. Profissão, regulamentação profissional e campo de trabalho. In: Souza Neto S, HUNGER D, organizadores. *Formação profissional em educação física: estudos e formação inicial em Educação Física.* Motriz. 2006;245-250.
6. Milistetd M et al. Socialização Profissional e a construção da identidade de treinadores esportivos. In: *Jogos desportivos: formação e investigação.* Nascimento JV, Ramos V, Tavares F, organizadores. Florianópolis: UDESC. 2013;385-406.
7. Silva S. A atuação em esporte e seus desafios à formação profissional. In: Nascimento JV, Farias G, organizadores. *Construção da identidade profissional em Educação Física: da formação à investigação.* Florianópolis: UDESC. 2012;467-492.
8. Freidson E. *Renascimento do profissionalismo: teoria, profecia e política.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 1998.
9. Gomes ACA. *A relação entre sujeito expert e o objeto de conhecimento de expertise [dissertação].* Brasília (DF): Universidade Católica de Brasília; 2008.
10. Tardif M. *Saberes docentes e formação profissional.* Petrópolis (RJ): Vozes; 2012.
11. Souza SAEP, Marques PRR, Mesquita I, Azevedo JMR. Revisão sistemática sobre as situações de aprendizagem do treinador brasileiro: mediadas, não mediadas e internas. *Pensar Prática.* 2019;22:546-42.
12. Nelson LJ, Cushion CJ, Potrac P. Formal, non formal and informal coach learning: a holistic conceptualization. *Int J Sports Sci Coach Int J Sports Sci Coa.* 2006;(1):247-259.
13. Tardif M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. *Rev Bras Educ.* 2000;13(5):5-24.
14. Minayo MCS, organizadora. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade.* 28. ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 2009.
15. Bardin L. *Análise de conteúdo.* Lisboa: Edições 70. 2011;4.
16. Rodrigues HA. *Formação e desenvolvimento profissional do treinador: um estudo sobre os treinadores de basquetebol, suas identidades e saberes [tese].* Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2014.
17. Lourenço MRA. *A seleção brasileira de conjuntos de ginástica rítmica: perfil de ginastas e treinadoras, estrutura técnica e administrativa e o habitus construído [tese].* Maringá (PR): Universidade Estadual de Maringá; 2015.
18. Belão M, Machado LP, Mori PMM. A formação profissional das técnicas de ginástica rítmica. *Motriz.* 2009;15(1):61-68.
19. Sampaio GBS. *Formação de treinadores de ginástica rítmica: perspectivas de aprendizagem ao longo da vida [dissertação]* Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 2017.
20. Ávila-Carvalho MLT, Silva CPLS, Lebre E. O conteúdo dos exercícios de competição em ginástica rítmica. In: Schiavon LM, Bortoleto MAC, Nunomura M, Toledo E, organizadores. *Ginástica de alto rendimento.* Várzea Paulista: Fontoura. 2014;107-130.
21. Lourenço MRA, Barbosa-Rinaldi IP. O conjunto na GR. In: Schiavon LM, Bortoleto MAC, Nunomura M, Toledo E, organizadores. *Ginástica de alto rendimento.* Várzea Paulista (SP): Fontoura. 2014;43-64.
22. Agostini BR, Novikova LA. *Ginástica rítmica: do contexto educacional à iniciação ao alto rendimento.* Várzea Paulista (SP): Fontoura; 2015.
23. Paz B, Lourenço MRA. *Flexibilidade na ginástica rítmica: manual de procedimentos e acompanhamento.* Várzea Paulista: Fontoura; 2017.
24. Federação Internacional de Ginástica. *Código de Pontuação de Ginástica Rítmica.* 14º ciclo; 2017-2020.
25. Barros TES, et al. As fontes de conhecimento de treinadores de ginástica artística. *Pensar Prática.* 2017;20(30):446-460.
26. Robin JF, Santos SB. *Ginástica: um jogo de regras.* In: Bortoleto MAC, Nunomura M, Toledo E, organizadores. *Ginástica de alto rendimento.* Várzea Paulista: Fontoura. 2014;151-170.
27. Rodrigues J, Sequeira P. *Contributos para a formação de treinadores de sucesso.* Lisboa: Visão e Conexões; 2017.
28. Tardif M. *Saberes docentes e formação profissional.* Petrópolis (RJ): Vozes. 2014;17.
29. Rodrigues HA, Costa GDCT.; Santos JEL, Milistetd M. As fontes de conhecimento dos treinadores de jovens atletas de basquetebol. *Motrivivência.* 2017;29(51):100-118.

30. Souza SAEP, et al. Desenvolvimento profissional de treinadores brasileiro medalhistas olímpicos. *Rev Bras Ci Movimento*. 2019;27(3):170-185.
31. Barros TES. *Aprendizagem profissional de treinadores de ginástica artística [dissertação]*. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 2016.
32. Maciel LHR, et al. Modelo de Excelência de Treinador Expert Brasileiros de Ginástica Aeróbica. *Revista FSA*. 2017;14(3).
33. Gomes REC. *Formação de treinadores no contexto acadêmico: aprendizagem em comunidade de prática no decurso do estágio [dissertação]*. Porto (PT): Universidade do Porto; 2015.
34. Brasil VZ, et al. A trajetória de vida de treinadores de ginástica artística. *J Phys Educ*. 2018;29:2933.
35. Brasil VZ, et al. A trajetória de vida do treinador esportivo: as situações de aprendizagem em contexto informal. *Movimento*. 2015;21(3):815-829.
36. Resende RSP, Barbosa A, Gomes AR. Exercício profissional do treinador desportivo: do conhecimento a uma competência eficaz. *J Sport Pedagogy Research*. 2017;3(1):42-58.
37. Tozzeto AVB, Galatti LR, Milistetd M. Desenvolvimento profissional de treinadores esportivos no Brasil: perspectiva de aprendizagem ao longo da vida. *Pensar Prática*. 2018;21(1):207-219.
38. Ramos V, et al. A aprendizagem profissional - As representações de treinadores desportivos de jovens: quatro estudos de caso. *Motriz*. 2011;17(2):280-291.
39. Soares DB. *Formação de treinadores (as) de Ginástica Para Todos no mundo: uma análise de programas de federações nacionais [tese]*. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2019.
40. Garcia GS. *Um estudo sobre a formação de treinadores de esporte de alto rendimento de modalidades olímpicas no Rio Grande do Sul [dissertação]*. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2018.
41. Milistetd M, et al. Formação de treinadores esportivos: orientações para a organização das práticas pedagógicas nos cursos de bacharelado em Educação Física. *J Phys Educ*. 2017;28:2849.
42. Nunomura M, Nista-Piccolo VL. *Compreendendo a ginástica artística*. São Paulo: Phorte; 2005.
43. Batista JCF. Discussão sobre a Ginástica de Academia no curso de Educação Física: possibilidades de encontro. In: Gaio R, Góis AAB, Batista JCF, organizadores. *A Ginástica em questão: corpo e movimento*. 2. ed. São Paulo: Phorte; 2010. p. 445-462.
44. Carbinatto MV, Freitas EG, Chaves AD. Women's artistic gymnastics coaches in Brazil: from opportunity to Olympic games. *Sports Coaching Review*. 2016;5(2):163-173.

ENDEREÇO

Deisy de Oliveira Silva
Rua Monsenhor Kimura, 445 - Vila Cleópatra
87010-450 - Maringá - PR - Brasil
E-mail: deisy.dosb@gmail.com
deisyoliveira14@gmail.com

Submetido: 25/08/2023

Revisado: 08/12/2023

Aceito: 08/12/2023